



FOI BOTO, SINHÁ? RESSIGNIFICANDO UMA LENDA FOLCLÓRICA BRASILEIRA

Julio Cezar Pereira Araujo¹

Durante o ano letivo de 2017, trabalhei como professor da disciplina de informática educativa em uma escola privada, localizada em uma cidade “pequena”, perto de 40 mil habitantes e ocupada pelos mais diversos discursos cristãos na região Noroeste do estado do Rio de Janeiro. Analisando o quadro de docentes da Educação Infantil e do Ensino Fundamental desta instituição, aponto sendo o único professor homem em um espaço hegemonicamente representado por mulheres. O meu lugar de fala é de um professor gay, professor gay que por muito tempo ficou escondido dentro de um “armário” e (re)produzindo discursos heteronormativos nos ambientes escolares percorridos.

É chegado o mês de agosto e um novo desafio na escola: escolher uma lenda folclórica para ser trabalhada na disciplina de informática com alunos/as do 5º do ensino fundamental. Para tal, faz parte da cultura escolar amazônica e brasileira oralizar as lendas, os mitos e as figuras típicas regionais. No mês de agosto, exclusivamente no dia 22 de agosto, comemorase o Dia do Folclore nacional. A data foi criada através do decreto nº 56.747, de 17 de agosto de 1965, com o objetivo de “assegurar a mais ampla proteção às manifestações da criação popular, não só estimulando sua investigação - estudo, como ainda defendendo a sobrevivência dos seus folguedos e artes, como elo valioso da continuidade tradicional brasileira”. Em minhas vivências pedagógicas, percebo que quando o assunto são as datas comemorativas, diversas instituições escolares continuam a reproduzir discursos sociais, tantas vezes embutidos de preconceitos estereotipados e legitimados pela sociedade. Mesmo não sendo adepto da aplicação de diversas datas comemorativas na escola, por entender a escola enquanto pública, laica e com ideologias plurais, penso que cabe a nós docentes, problematizarmos e ressignificarmos as lógicas normativas, respeitando valores religiosos, culturais, sociais e éticos da comunidade escolar. No escopo deste trabalho, quando discutimos o folclore brasileiro, nos referimos especificamente às lendas. Após realizar um

¹ Mestrando em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Bolsista CNPq. juliocezar.p.araujo@gmail.com.





trabalho de busca pelas mais diversas lendas, decido por permear as discussões e produções a partir da lenda do Boto.

De acordo com a lenda do Boto...

Um belo rapaz vestido de branco, alto, vistoso, charmoso, moreno e exímio dançarino sempre aparece nas festas dos ribeirinhos e encanta as moças do lugar. Diferente da Iara (a sereia de água doce que encanta os homens com o seu canto), o Boto mantém relação sexual com as meninas e as engravida, mas antes do dia nascer, foge para as profundezas dos rios, transformando-se no boto, sem nunca mais voltar. Passados nove meses, nasce a criança que, é apontada como “filha de boto”.

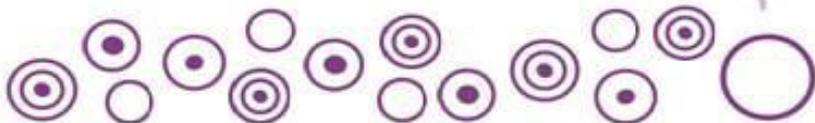
Pensar em como iniciar esta discussão na escola foi um processo árduo e que exigiu resistência. Enquanto docentes, muitos de nós estamos acostumados com os moldes/modelos que nos são sugeridos, talvez atraídos pelo ato de reproduzir ou no repouso da construção de possíveis problematizações. Produzir resistência no ambiente escolar é, por exemplo, perceber que evidenciar as discussões sobre sexualidade na escola, partindo de uma lenda folclórica “clássica”, ou atestemos, “estereotipada”, pode provocar ações, já que o Boto se exhibe como sendo um ser do imaginário, do desejo, das experimentações, das sensações e da fuga do convencional.

A turma na qual a proposta foi realizada era composta por 29 alunxs. Todos/as já sabiam da necessidade de trabalhar uma lenda durante as três próximas aulas², por já conhecerem a metodologia pedagógica da escola, mas estavam curiosos em saber a lenda escolhida.

A primeira etapa da atividade consistiu na apresentação da proposta da escola aos/as alunos/as, na exposição da lenda escolhida pelo professor e na leitura compartilhada do texto, utilizando como recurso pedagógico o projetor/datashow multimídia. Como esperado, todos/as os/as alunos/as já conheciam a lenda, mas realizar a leitura em um processo coletivo, acompanhado das imagens, produziu um novo arranjo na execução da atividade.

Na semana seguinte, iniciando a segunda etapa da atividade, procuro questioná-los/as a pensar possíveis temas, partindo da lenda do Boto. Eis o resultado: meio ambiente, formas da utilização da água, formas do cultivo de peixes, animais em extinção, dentre outros. Parabeno o grupo por conseguirem refletir sobre tantos possíveis temas, partindo de uma lenda tão conhecida e provavelmente já debatida nos anos anteriores. Digo-lhes que, não menos importante frente aos temas propostos, discutiremos um tema considerado tabu, por

² As aulas de informática educativa eram ministradas num período de 50min em caráter semanal.





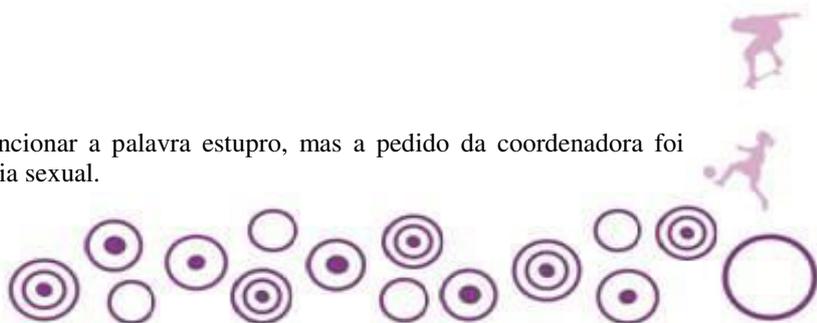
quase não discorrermos, mas muito praticado na sociedade: o abuso sexual³. Chegou a ser cômico, parecia que havia pronunciado um xingamento. As palavras “abuso sexual”, mais especificamente “sexual”, parecem ter ecoado nos ouvidos daqueles/as meninos/as. Seguindo o planejamento da aula, fiz a exposição de alguns dados compostos no Anuário Brasileiro de Segurança Pública, publicado em 2016, onde 45.460 pessoas haviam sido abusadas em 2015, uma média de 125 pessoas por dia. Partindo destes dados, evidenciei uma proposta para ressignificar a lenda: Estaria certo pensar que a gravidez das ribeirinhas talvez não tenha sido consentida, mas que possa ser fruto de um abuso sexual cometido pelo Boto? Mas o Boto não sendo humano, com quem ficará com a responsabilidade paterna? Assim, a temática da paternidade também é inserida como uma categoria nas discussões. Em seguida, os/as alunos/as foram instigados a coletarem na internet informações sobre a Lei Maria da Penha, dados estatísticos sobre a violência contra mulher e imagens de manifestações feministas.

Na terceira etapa, demos início ao processo de confecções dos materiais que servirão como produtos para a exposição na Feira do Folclore. O processo de produção se materializou da seguinte forma: 1) Quadros explicativos sobre a Lei Maria da Penha e suas formas de aplicabilidade no cotidiano. 2) Cartaz confeccionado com as imagens coletadas, nas cores preto e branco, por entender o tema enquanto uma violência que é praticada muitas vezes no silêncio e no escuro dos cômodos familiares. 3) Produção de panfletos em formato de Boto inseridos do número 180, fazendo menção ao número do disque-denúncia.

Como última etapa, a produção destas três semanas foi exposta junto aos demais trabalhos produzidos pelas minhas colegas professoras com as outras turmas. Com a proposta, conseguimos provocar inquietações em algumas professoras. Ficaram surpresas com a proposta e como mesmo naquele espaço que se apresentava como conservador conseguimos produzir atividades tão progressistas.

Próximo de concluir sem conclusões, evidencio que não tivemos como objetivo descaracterizar uma tradição do folclore popular brasileiro, mas ressignificar dialogando com uma temática social tão contemporânea e incentivar meninos, meninas, familiares e escolas a denunciar. Pensar uma movimentação e uma formação ao abordar o tema do abuso sexual na escola a partir da lenda do Boto foi propor dar sentido ao imaginário, resistir à sedução encantadora e problematizar o papel da escola frente a tantos ataques de movimentos conservadores.

³ Durante a execução da atividade chego a mencionar a palavra estupro, mas a pedido da coordenadora foi recomendada a utilização do termo abuso/violência sexual.





QUANDO A REALIDADE DESMITIFICA A LENDA.



VIOLÊNCIA SEXUAL

Abuso sexual – tipo de violência cometida contra uma pessoa por pessoas do universo familiar da criança e do adolescente e não envolve necessariamente contato físico.

Pornografia e pedofilia nos meios de comunicação – Utilização de imagens sexuais de crianças e adolescentes, assim, a finalidade de gerar lucro, através da exploração sexual (intermediada por adultos, envolvendo ou não interação comercial).

Exploração sexual comercial – Inclui prostituição, exploração sexual, tráfico de pessoas, tráfico de crianças e adolescentes, por agência intermediária de adoção, entre outros, dentro ou fora do país, bem como, ainda, em alguns casos, também pertencente ao seu núcleo familiar.

PRINCIPAIS AGRESSÕES

12%	Ataque físico
9%	Insultos
2%	Amarrar em locais fechados
1%	Ativar um alarme
1%	Ativar um alarme

22% das vítimas não denunciaram a violência por algum tipo de medo ou vergonha.

20% das vítimas de violência sexual sofreram algum tipo de lesão física.

QUEM NÃO DENUNCIA TAMBÉM VIOLENTA

DISQUE DENÚNCIA: 100

VIOLÊNCIA SEXUAL CRIANÇA-ADOLESCENTE

VIOLÊNCIA SEXUAL NA INFÂNCIA

Em cada 5 crianças sofre algum tipo de violência sexual.

87% das vítimas de violência sexual sofreram algum tipo de lesão física.

EM NOVA DELHI 92% DAS MULHERES PASSARAM POR ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA SEXUAL

VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHA

ISSO NÃO É SOBRE SEXO





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

